

AGRICULTURA, CÂMBIO E PODER DE TROCA

*** Roberto Rodrigues**

Na safra agrícola colhida no ano de 2003, os agricultores ganharam dinheiro: os preços estavam bons para a maioria dos produtos anuais (em dólares), e o câmbio era favorável. Os produtores investiram em máquinas, equipamentos e tecnologia, e se endividaram.

Logo depois, já em 2004/2005, o ciclo de bons preços acabou e, adicionalmente, o dólar foi perdendo valor em relação ao real. A renda no campo desmoronou e o juro continuou correndo, sábado, domingo, feriado, natal, reveillon, carnaval...

Aí vieram as secas de 2004 e 2005 e a quebra da safra foi brutal, especialmente no sul. E tome juro. E tome dólar barato.

Os números são exuberantes e falam por si: entre janeiro e junho de 2004, a desvalorização cambial foi pequena, de 2,7%; no mesmo período de 2005, foi de 12,2%; em 2006, de 5,2% e em 2007, de 7,6%. Isto significa que nas últimas 4 safras, os produtores plantaram com um câmbio e colheram com outro, sempre pior, perdendo quase 30% no período, só no câmbio. E sem vantagens, como têm os setores industriais que importam componentes e depois reexportam produtos montados no Brasil. A agricultura praticamente só importa fertilizantes e, neste caso, o câmbio barato não ajudou, porque os preços dos fertilizantes subiram demais no mundo inteiro, em função da crescente demanda norte-americana para o milho do etanol e a dos países asiáticos, especialmente a China.

Só para falar de 2007, o número já é impressionante. Dados da CNA mostram que no Rio Grande do Sul, em janeiro deste ano eram necessários 17 sacas de 60 quilos de soja para comprar 1 tonelada de fertilizantes. E, em maio, já se precisava de 26 sacas! No Paraná, a variação foi de 19,60 sacas/tonelada para 27,12 sacas/tonelada. E no Mato Grosso, mais afetado pela tragédia da logística, em janeiro se precisava de 26,30 sacas, e em maio de 31,26 sacas. Só para o fertilizante! E os outros custos todos: mão-de-obra, máquinas, combustíveis, sementes, transporte, armazenagem? Os preços ao câmbio atual não os cobrem. Uma boa produtividade agrícola, de 55 sacas de soja por hectare, por exemplo, custa quase 60% só em fertilizantes no nortão do MT.

Mas não é só na soja, ou só no Mato Grosso.

Dados do DERAL (PR) mostram que, para comprar um trator de 75cv de potência, em 2000 eram necessários 3638 fardos de algodão de 15 quilos cada; em 2007, são necessários 4914 fardos, cerca de 40% a mais.

Para comprar a mesma máquina, em 2000 eram necessárias 1943 sacas de 60 quilos de soja. Hoje são 2660 sacas; para trigo, era preciso 2510, hoje 2840; para milho, de 3096 foi para 4944 sacas, e para arroz foi de 2306 para 2647 sacas.

Estamos diante de uma clara transferência de renda rural-urbana. O câmbio vem tirando dos produtores uma chance de recuperarem sua renda perdida entre

2004 e 2006. Os preços hoje estão bons para a maioria das commodities, em dólares. Os agricultores argentinos estão felizes, pagando 3,2 pesos por dólar. E nós aqui, além de não nos beneficiarmos com os bons preços, acabamos criando uma divisão entre os agricultores brasileiros, em dois grupos: os “costeiros”, aqueles localizados em regiões próximas dos portos e dos grandes centros de consumo, que ainda conseguem se equilibrar; e os da fronteira agrícola, do Mato Grosso, do Tocantins, de Rondônia, do Maranhão, estes heróis que deixaram seus estados natais e foram abrir fazendas, gerando empregos, riquezas, impostos e renda para o país; na distância em que estão, a logística come o que o dólar e os juros ainda não tomaram. E a atividade vai ficando inviável, em um momento no qual há até uma inflação mundial dos preços, em dólares, seja porque temos os menores estoques mundiais, em anos, de milho, trigo e arroz, seja pelo crescimento da demanda, já referida. E não falta quem culpe a agricultura brasileira pelo crescimento da inflação interna, o que é pura desinformação.

É por isso que uma política de renda rural é fundamental no país. O seguro vem vindo aí, novos mecanismos de mercado também, especialmente com a popularização da BM&F, mas não dá para esperar. É urgente reduzir os estragos do câmbio, com pelo menos três caminhos além da recorrente muito triste renegociação das dívidas: menos tributos e menos juros; e, sem dúvida, muito investimento em logística e infra-estrutura, conforme programado no PAC.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal**